



29

TOP! TOP!



QUE DIACHO DE ENCOSTINHO É ESSE!



Sumário

Capa. Fotografia de Márcio Sno

2. Cartum. Sergio Más

3. Editó

4. Que diacho de Encostinho é esse. Entrevista com Márcio Sno

19. Encostinho incorpora Maria. Márcio Sno

20. Grupo Quadritos: unidos pelo humor e cartum. Sergio Más

29. Maria. Henrique Magalhães

35. Chamada Geral

38. Averaldo, livre para voar. Henrique Magalhães



Editor: Henrique Magalhães.
Rua João Bosco dos Santos, 50/903A.
Parahyba (João Pessoa), PB. 58046-033.
www.marcadefantasia.com, marcadefantasia@gmail.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes Mídias Digitais do Departamento de Mídias Digitais da UFPB.

Participam desta edição: Márcio Sno e Sergio Más. Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

Se há uma pessoa de uma amabilidade extrema no fandom brasileiro, seu nome é Márcio Sno. Conheci-o há mais de uma década por meio da produção de sua série de documentários “Fanzineiros do século passado”, trabalho seminal para o registro e a reflexão dos fanzines do país. De lá para cá foi só prazer. Descobri seu maravilhoso Encostinho, personagem que ganhou a simpatia de milhares de fãs; até participei como aprendiz de uma de suas oficinas de microzines, com mestre que se tornou. Isso ocorreu em Fortaleza em 2018 durante o seminário Cabeças de Papel, dirigido pela também incrível Fernanda Meireles.

Encostinho é o alter ego de Márcio Sno, o que faz do autor também uma personagem cativante. Além disso, é um trabalhador incansável a nos mostrar o quando o meio independente e artesanal pode legar de criatividade e ventura. Acompanhe na entrevista a trajetória desse artista único.

Temos também um artigo do cartunista argentino Sergio Más, autor habitual em nosso fanzine, que fala sobre a formação do Grupo Quadritos de artistas gráficos e humoristas da Argentina. E ainda tiras da personagem Maria, de minha autoria, e a seção de resenhas “Chamada Geral”. HM



Henrique Magalhães e Márcio Sno em Fortaleza, 2018

Que diacho de Encostinho é esse!

Entrevista com Márcio Sno

Por Henrique Magalhães

A obra de Márcio Sno é vasta e plural, além de inventiva. À margem do mercado convencional, mas muito bem sucedido, seus trabalhos têm conquistado o público das inúmeras feiras gráficas e oficinas que ministra. É de seu fruto uma das personagens mais icônicas e queridas do meio independente, o simpático “Encostinho”, o diabo camarada que subverte o senso comum com sua prática do bem.

O dito “encosto” é, na cultura popular, uma expressão da maldade, um ser abusado e inconveniente que vive se aproveitando de quem ele se “encosta”. O Encostinho de Sno, que incorpora um boneco de produção artesanal, vai no sentido contrário, procura ajudar as pessoas com suas tiradas de humor e conselhos altruístas.



O caráter underground de Sno expressa-se também na produção de fanzines, livros e vídeos, em oficinas de edição e criação de livros-objeto, bem como um trabalho literário e audiovisual instigante e inovador, a exemplo da série de documentários *Fanzineiros do século passado*, do fanzine *Odair Jozine*, sobre a obra do cantor e compositor Odair José; do livro-objeto *Hai cobra*, com Fabio Maciel; dos livros *A primeira vez*, com relatos de experiências de jovens imberbes; *O universo paralelo dos zines*; *Zines no cárcere*, que reúne o depoimento de educadores que aplicaram essas publicações libertárias em ambiente de reclusão; e *Na linha de frente*, em que compartilha seu processo pedagógico e de produção.

O Encostinho, sua obra de mais visibilidade e circulação, reflete tudo isso, é a expressão de sua verve criativa que encanta não só pelo produto em si, mas pela aura que irradia. Descubra o mundo extraordinário de Márcio Sno na entrevista a seguir, realizada em novembro de 2020.



HM: Quando você criou o Encostinho? Qual foi a inspiração ou motivação?

MS: Desde 2015 participo de feiras de publicações e sempre tive vontade de vender algum boneco na minha banca. Um dia, achei um livro que ensinava a fazer bonecos de feltro. A princí-

pio eu mesmo iria fazer, do meu jeito. Porém, conversando com minha irmã gêmea Mônica, ela disse que ia tentar. E fez. E eu amei.

Mas aí veio um dilema: não queria apenas ter um boneco, ele teria que ter uma personalidade. Um pouco antes eu lancei um zine chamado *Encosto*,

com artistas que desenharam cada um o seu diabo. Postei nas minhas redes o anúncio do lançamento. Nessa época, 2016, eu trabalhava numa escola católica e uma das professoras viu a postagem e levou o caso pra diretora que me dispensou. Estavam preocupados, pois achavam que eu tinha algum pacto e isso seria ruim para a imagem deles.

No dia a dia nesse trabalho, percebi que o discurso de bonzinho desses religiosos na prática era totalmente o oposto do que pregavam: eram mesquinhos, invejosos, preconceituosos, individualistas e, sobretudo, hipócritas.

Então, decidi criar uma personalidade totalmente oposta do que eles são. Aproveitei o nome do zine e assim estava criado o Encostinho!

Você achou que sua personagem teria tanta repercussão e desdobramento?

Jamais. Na verdade, nada que eu faça eu penso no sucesso ou fracasso. Claro, tem coisas que você começa a fazer e sabe que vai dar um burburinho (como no caso do livro *Zines no Cárcere*), mas eu geralmente faço as coisas pensando no meu prazer de fazer e de colocar minhas ideias pra circular. E se isso repercutir, ótimo, se não, tudo bem também. Minha estratégia é não criar expectativas em nada, isso me ajudou muito a lidar com a ansie-

dade. Então, uma unidade que vende já saio no lucro!

No primeiro dia que botei o Encostinho pra jogar, vendi as vinte unidades que fizemos em meio dia de feira. Um fenômeno! Muita gente me procurou depois nesse dia, perguntando pelo tal diabinho. Então, vimos que tinha coisa aí e começamos a produzir numa escala maior, dentro de nossas limitações, pois tudo é feito a mão. Desse modo ele passou a ser conhecido, também por meio de parcerias como Darkside Books, Central Panelaço, Ugra Press e personalidades e pessoas comuns que passaram a divulgar o boneco espontaneamente em suas redes.

Porém, acho que essa parada de ele ser um diabinho que traz mensagens positivas seja o grande atrativo para as pessoas. Além, é claro, de ser um bonequinho fofo.



Por que um diabo bom e não um diabo mau?

Eu sou provocador por natureza. Desde que comecei a fazer zines, em 1993, passei a fazer isso com mais rigor. E o que é mais provocador do que um diabo?

Sempre fui fascinado pela imagem do diabo, essa coisa temida, assustadora, subversiva... Esse “fora de padrão das pessoas normais” me atiga! Por isso veio a ideia do zine *Encosto* que, além de ser um espaço para artistas mostrarem seus trabalhos, também foi uma forma de acumular alguns diabos pra mim! Foram mais de 100 em dois volumes. Diabo é um mistério não só pra mim, mas para a humanidade, desde que ele foi inventado.

Pois bem, eu estava inserido num ambiente escolar no qual poucos conheciam minha personalidade e me julgaram por algo que eles acham que é ruim por conta de suas crenças e dogmas, sem ao menos dar um espaço para falarmos a respeito: “precisamos falar sobre o diabo!”, não teve isso e eu adoraria falar a respeito.

Então, como não há interesse em saber a respeito do desconhecido (o diabo e eu), resolvi dar uma personalidade positiva para algo visto como negativo. Dessa forma, estava quebrando um paradigma da humanidade! Veja você a audácia!



Mas nada que o Encostinho diz é de graça: ele é meu alter ego e é meu porta-voz para aquilo que acredito e, sobretudo, faço. E o curioso é que ele causa efeito dos dois lados. Os mais religiosos se surpreendem com um diabinho falando tantas coisas boas e os “satanistas” já chegam achando que ele está promovendo a desgraça e quebram as pernas quando lêem o “Conselhos do Encostinho”. E eu acho é graça!

Fora o episódio da escola, que é anterior ao Encostinho, você teve algum aborrecimento ou sofreu violência por causa dele?

Olha, diretamente não. Mas sempre tem aquelas pessoas que falam: “credo, um diabo!” ou aquelas mães que não deixam os filhos se aproximarem do boneco. Criança ama diabo! Para todos esses casos eu faço questão de apresentar o personagem até para

desmistificar essa imagem cauterizada e nunca discutida. Geralmente me saio bem, pois a grande mensagem por trás do Encostinho é que qualquer um pode fazer o bem, independentemente de quem ela seja, sua crença ou descrença. O que importa é o caráter e, pra mim, uma pessoa com bom caráter é aquela que faz o bem, por mais romântica que essa frase seja.

Por outro lado, sei que muita gente deturpa e fala mal dele em redes sociais. Mas eu não faço isso, não fico lendo comentários de posts, mesmo porque muita gente fala a respeito e não tenho tempo, cabeça e paciência pra isso. Encostinho sempre me traz muito mais alegrias.

Se o Encostinho é seu alter ego - que passa um caráter muito “gente boa”, fale-me, então de sua formação.

Eu tento ser o mais autêntico possível, só falar coisas que eu faço. Tenho uma história longa, comecei a trabalhar muito cedo, conheci muita coisa in loco, passei por situações complexas etc. e tal.

Claro que errei, falei muita besteira e agi de forma absolutamente equivocada. Nesse ínterim também presenciei muita coisa errada na humanidade e, desproporcionalmente, algumas pessoas fazendo coisas legais, nas quais me inspiro muito. São amigos, artistas, escritores que seguem na contra-corrente da sociedade moder-



na, pautada no individualismo e no lucro acima de tudo.

Não quero pisar no meu semelhante para “ser melhor que ele”, isso sempre me indignou até mesmo antes de ter consciência desse contexto todo. Então, é algo bem natural mesmo. Orgânico. E eu resolvi colocar isso em prática.

Muitas pessoas acham que estou fazendo média ou enganando, mas é sincero mesmo. Tudo que eu faço na vida tem a confiança no próximo como base das relações, se não tem isso, não rola, não dá química.

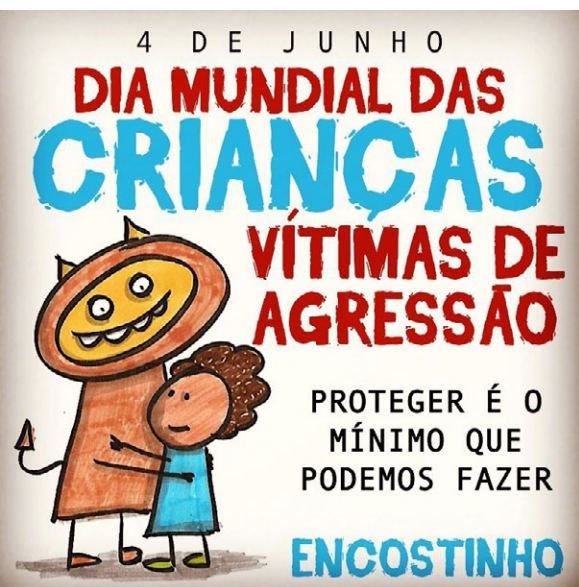
Aprendi muito em livros, músicas, zines, artes plásticas, bate papo com amigos... Tive uma formação acadêmica, mas creio que esse aprendizado empírico e a busca autônoma pelo conhecimento ajudou muito mais na formação de meu caráter e eu tento, por meio do Encostinho, passar essa mensagem adiante.

Enquanto boneco, o Encostinho é uma graça. Como concebeu seu design, o desenho e a volumetria?

Obrigado pelos elogios. Sempre pensei no boneco com uma manufatura simples pois, como falei, a ideia era eu mesmo produzi-los, mesmo sem nunca ter feito algo parecido e apareceu minha irmã que, ainda bem, assumiu essa parte. Ela faz muito melhor do que eu faria.

O modelo foi baseado num livro que ensina a fazer bonecos de feltro, tinha vários personagens fofos mas, lá no final, tinha um lobo mau. Me apaixonei e falei com a Mônica que eu queria algo daquele jeito, mas um diabinho. E quando ela fez, foi amor à primeira vista: ela captou exatamente o que eu queria.

Sempre quis que fosse pequeno, pois sempre gostei de coisas mais compactas, talvez por minha origem japonesa. Curiosamente, o boneco surgiu antes do personagem, então, os desenhos que fiz do Encostinho foi a partir do boneco que ela fez. E foi perfeito, pois recentemente tinha assumido meu novo traço, mais simples e objetivo, que se encaixava perfeitamente com a simplicidade do design do boneco. E a publicação que vai junto não poderia ser algo maior que o microzine (3x3cm) que é um outro atrativo, pois existem poucas publicações nesse tamanho e formato.





Encostinho figura em diversos suportes

A partir do boneco, o Encostinho tem figurado em vários suportes. Pode descrever onde ele já apareceu (camisa, patch, bóton, adesivo, cartão, fanzine etc.) e a resposta do público?

É, o Encostinho figurou em várias plataformas! Além do boneco, outros microzines da série, uma cachaça, adesivos, bótons, pins, camisetas, patches, ecobag, agendas etc.

Poderia estar em muitos outros suportes se eu não fosse tão chato. Não gosto de lançar o “produto pelo produto”, tem que ter um motivo para aquilo existir. Me dei conta disso quando fiz o pin, que era simplesmente o personagem. Fiquei bem incomodado com isso, pois o Encostinho não foi feito para ser apenas uma marca ou imagem para decorar produtos. Se eu continuasse assim, estaria perdendo toda a essência do personagem. Então, só tenho lançado produtos que o personagem converse ou faça algum sentido, principalmente se a ideia é passar uma mensagem.

Não lanço produtos há um bom tempo, mesmo porque quando se pensa em algo do tipo, precisa de um investimento inicial que não tenho e não estou disposto a fazer. Ainda mais por eu ser autônomo e, em épocas de pandemia (a entrevista foi realizada em novembro de 2020), não se recomenda ser tão ousado, as prioridades são outras.

Tem também o fato de o Encostinho ser apenas um de meus braços, eu faço muitas coisas além dele, como produção de zines, programa de vídeo, escrita de livros, oficinas, ilustrações... E, ainda, devo reformular umas coisas para o próximo ano e nem quero pensar em coisas novas. Porém, ah, porém, se alguém tiver interesse em parceria para lançarmos algo juntos, vamos conversar!

O Encostinho, além de seu alter ego, tornou-se sua marca no meio. Você tem conseguido capitalizar o fenômeno? Dá pra viver do bichinho?

Olhe, de novo, se eu não fosse tão chato, eu poderia fazer uma grana boa com ele. Já recebi algumas propostas de produzir em larga escala etc. e tal. Mas não quero. Além de ser uma de minhas fontes de recursos, o Encostinho existe por objetivos mais fortes, como, por exemplo, passar mensagens.

Poderia cobrar mais caro, mas tento deixar o preço mais justo para que mais pessoas tenham acesso. Como diz um amigo: o preço que você coloca no seu trampo mostra quais são as pessoas que você quer atingir.

Nunca foi minha intenção viver do Encostinho, mas ele me traz um retorno financeiro que, por exemplo, está ajudando a me manter durante a pandemia pois, até então, minha maior fonte de renda eram as oficinas presenciais. Hoje, ele é responsável por

boa parte dos meus recursos. Mas não posso ficar dependente dele pois hoje em dia as coisas são tão efêmeras, voláteis, que daqui a um tempo ninguém se lembrará dele. Por isso, mantenho meus pés no chão investindo também nos meus outros braços.

Com o sucesso de público, quantos bonecos já foram produzidos? Como viabilizar a produção com método artesanal?

Encostinho completou recentemente 4 anos (em 2020). Já vamos passar as 3 mil cópias produzidas (atualmente, 5709 unidades produzidas. Lembrando que tudo é feito a mão, desde a montagem do boneco, passando pela produção do microzine e a caixa. O único recurso tecnológico que uso é o



Márcio Sno ministrando oficina de microzines

computador e impressora. O resto é na base da agulha, tesoura, cola, durex, grampos, régua, boleador e bisturi.

Como se isso não fosse o suficiente para ser complexo para se produzir, tem um dificultador a mais: minha irmã é auxiliar de enfermagem naquelas escalas de 12/36, então, ela se contorce toda para dar conta da produção, ainda mais porque também faz outras coisa além de atuar na saúde pública.

Nesse cenário, tentamos trabalhar dentro das nossas limitações. Porém, às vezes acontece um boom nas vendas que temos que fazer uma força-tarefa para dar conta. Aí tenho que dar conta da pressão na produção (na qual estou incluso também) e lidar com o público sedento e que eu tento dar o melhor atendimento possível. (Nota do editor: A partir de junho de 2024 Márcio produz sozinho os bonecos. Desde 2023, passou a dar oficina “Faça seu próprio Encostinho!” em várias unidades do Sesc, e a produzir Encostinhos Personalizados, que já somam quase 100 modelos inspirados em personalidades, personagens, pessoas comuns e animais).

Você tem outros projetos para o Encostinho, como tiras e histórias em quadrinhos, livros ilustrados, contos, aforismos, cartuns, ou dá livre curso à criatividade e às oportunidades?



Dou livre curso à criatividade e às oportunidades. Não gosto de planejar muito o que vou fazer com o Encostinho ou sobre qualquer outro projeto que eu me envolva: deixo as coisas acontecerem de forma natural, no momento certo.

Claro que pessoas me pedem outros formatos do boneco, gêneros, histórias em quadrinhos... Algumas coisas já pensei a respeito, mas não forço a minha cabeça pra isso. Prefiro que a coisa venha na minha cabeça com uma força incontrollável, que eu e minha criatividade sejamos obrigados a mergulhar nessa aventura. Uma das coisas que ainda quero desenvolver são tiras, pois acho que é o formato dentro dos quadrinhos que eu esteja mais preparado, ou quase.

Uma questão que me ocorreu sobre a personagem. Um diabinho bom,

generoso, camarada é, em si, uma contradição, o que torna sua criação provocante e original. Mas, não seria essa característica também um conformismo? Explico: o diabinho poderia ser contestador, irônico, irreverente contra as baboseiras do mundo, como a política tradicional, o fanatismo religioso etc., assim como fazia Henfil com o Fradim.

Sabe que sempre me pego pensando em relação a isso? Principalmente por ele soar às vezes meio como autoajuda. Me incomoda um pouco sim. Comecei a mudar um pouco isso quando lancei o kit “Bótons provocativos”, com quatro modelos que faziam perguntas como “você é feliz ou só se engana?”, “você faz o bem ou só faz média?” (dessa frase fiz stikers que estou colando nas ruas de

São Paulo) que representam o início de uma nova fase do personagem.

O “Manual Básico de Desobediência do Encostinho” também mostra essa mudança gradual na forma de abordar as questões do dia a dia. Quero fazer isso aos poucos. Sabe aquela ideia de conquistar o público e, na sequência falar: “tome isso!”? É isso.

Tem o personagem Capirotinho, de Guilherme Infante, que eu gosto muito, mas o autor escolheu um caminho meio kamikaze nos últimos tempos, colocando limão e sal nessas questões polêmicas, que eu tenho receio de acontecer com o Encostinho. Eu continuo gostando do Capirotinho, mas não é isso que quero que o Encostinho seja. Saca?

Então, aos poucos, ele vai colocando as manguinhas de fora e vai seguir o perfil parecido com os citados e também como a Maria, que eu amo. Vamos dar tempo ao tempo.

Fiquei meio receoso de colocar essa questão do perfil do personagem porque não queria contestá-lo. Ele já é bom como é, mas pode melhorar ainda mais, tocando nas feridas da hipocrisia social. Que bom que você já pensa nisso.

Sim. E amei que me perguntou isso. Mesmo que não tivesse pensando a respeito, seria uma excelente provocação.



Você conhece Brasinha e Satanésio? Brasinha (Hot Stuff, the Little Devil), segundo o Guia dos Quadrinhos, surgiu em outubro de 1957 na revista Hot Stuff n. 1, pela Harvey Comics. No Brasil foi publicado a partir de 1964 pelas Edições O Cruzeiro. Já Satanésio, de Rui Perotti, foi publicado na revista coletiva Crás!, em 1974, e em revista própria em 1975, pela editora Abril.

Cara... Acho que a primeira imagem de diabo que me chamou atenção foi o Brasinha. Lembro que meu tio lia, ele reproduzia os desenhos e eu achava lindo. Mas não lembro das histórias. Tinha aquele tabu de não poder gostar de diabo. Meu tio era meio que a “ovelha negra” da família, e eu também tinha medo de falar que gostava pra minha mãe não achar ruim.

Seu diabinho é muito original, tanto na imagem quanto no conteúdo. Algo exclusivo e personalizado, por isso conquista tanta gente. Digo de graça, por admiração. Inclusive reforço que essa capacidade de administrar sua obra é extraordinária. Você deveria dar oficina sobre isso.

Vai se chamar: Um convite ao fracasso.

Que é isso! Quem já vendeu mais de 3000 bonecos do Encostinho e não



é Maurício de Sousa só pode ser um gênio. Quero dizer que é complicado vender, ainda mais sem uma estrutura profissional e publicitária.

Sim. Na verdade, acabei seguindo meu próprio circuito. E as pessoas mais

ambiciosas acham que eu poderia investir mais, mas nunca entendem que ele não é apenas um produto.

Acho que você já fez demais; mais que isso arrisca perder o controle para a indústria. Isso que você mesmo falou. Agora fale um pouco de você. Nasceu quando e onde? Tem curso superior? Foi casado, tem filhos, namorado?

Nossa! Falar um pouco de mim, dará muita história. Tenho uma carinha de jovem, mas sou bem rodado! Mas vou tentar ser sintético. Nasci na capital paulista em 1975, vim junto com minha irmã (Mônica, que faz os bonecos do Encostinho) e sempre morei na mesma casa, na zona sul.

Me formei como jornalista em 2007. Depois tentei fazer Letras e Pedagogia, mas abandonei no primeiro semestre: graduação não dá mais pra mim. Já pensei seriamente em fazer pós, mas há uns anos desencanei totalmente. Não sei se faço questão de títulos, sei lá.

Tive uma relação de 25 anos com a Joelma, hoje somos grandes amigos. Nessa história toda tivemos um filho, Calvin, que hoje tem 22 anos. Ano passado entendi minha homossexualidade e passei a namorar meninos.

Como sua família acompanha essa produção independente, fora do sistema, anárquica e autônoma? Você acha que incorpora um estilo de vida hippie?



Márcio Sno, Diego e Nina.
A cara da felicidade!

Encostinho também
encarna outros
personagens



Embora eu esteja envolvido nessa história de publicações independentes há quase 30 anos, só há pouco tempo meus familiares passaram a entender um pouco o que eu fazia. Talvez viram que a coisa era séria quando abandonei o mundo corporativo, passei a viver da minha arte e lancei meu primeiro livro. Até então, pra eles (e, de alguma forma, pra mim também), tudo isso era para ocupar a cabeça, um passatempo.

Nessa mesma época, em 2015, eu dei uma reviravolta em minha vida, adotando estilo de vida mais simples e vivendo apenas com o básico. Claro que isso afetou a todos e essa diminuição de renda ajudou a terminar meu casamento. Mas, no final, descobrimos que foi melhor para todos os envolvidos.

Creio que agora entendem meu estilo de vida, principalmente quando se

fala de economia, pois nunca estou endividado ou acumulando boletos. Com a pandemia, também perceberam que minha escolha de trabalhar mais em casa é importante para a qualidade de vida, principalmente numa cidade louca como São Paulo.

Não sei se me apeguei ao estilo hippie de viver, se tenho alguma relação, talvez seja inconsciente. Creio que a autogestão do anarquismo tenha me inspirado muito mais. Sempre tive uma ligação forte com o punk e ter uma vida sem patrões, do meu jeito, vivendo da minha produção, na contracorrente do mundo capitalista, casa bem com esse pensamento.

Desde que tive contato com a cultura punk e anarquista, no começo dos anos 1990, sempre sonhei com essa possibilidade. Com o tempo, achava

que isso era utópico, que existia apenas no universo onírico. Mas, percebi que eu poderia fazer o anarquismo e o punk da minha forma, uma vez que não sigo cartilhas e tenho enorme dificuldades de trabalhar em grupos. Então, tenho minha própria anarquia no meu jeito próprio punk de ser.

Você é católico, apostólico, romano ou já queimou seu batismo e rasgou as fotos da primeira comunhão? Vai fazer penitência na igreja para purgar o pecado de ter criado um diabo cristão?

Ahahahah! Minha família tem raiz católica, assim como a maioria das famílias de origem mineira, no caso do lado

da minha mãe. O lado do meu pai é budista, mas ele nunca exerceu nada.

Fui batizado na igreja católica, na Catedral da Sé. Na infância, fui obrigado a fazer catecismo e fazer a primeira comunhão. Eu odiava, pois tinha que acordar cedo aos domingos, para ver a missa e fazer aulas. O dia da primeira comunhão foi um dos piores da minha vida, pois eu era muito tímido e minha mãe me fez usar um terno, sendo que era necessário apenas calça e camisa sociais. Tava claro que eu ia odiar tudo isso.

Nessa mesma época, minha avó materna virou crente e levava a gente nos “curto”, segundo ela. Era um porre e a gente acabava dormindo nos bancos duros.

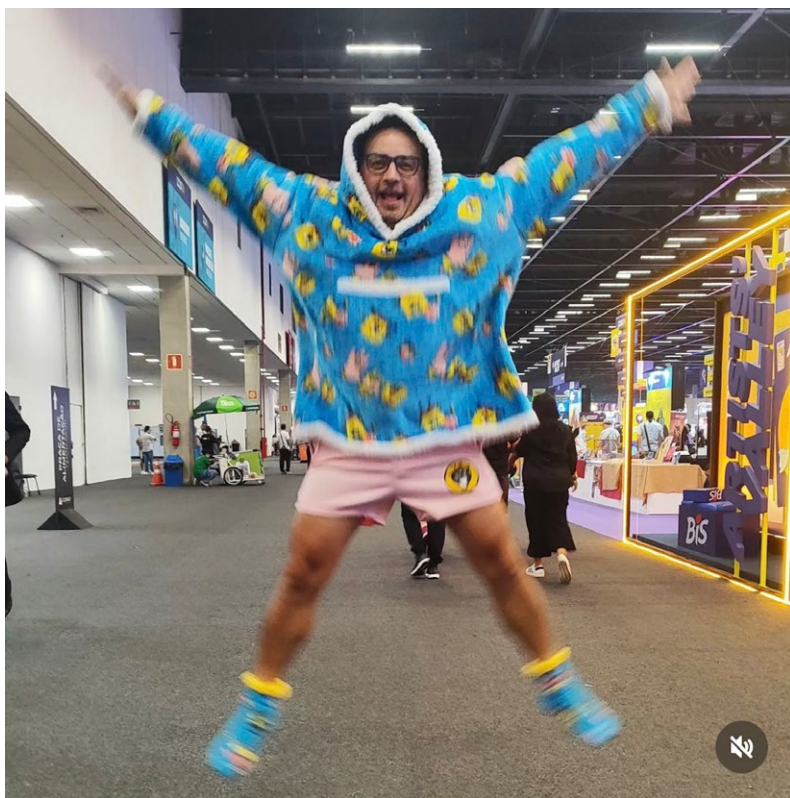


No decorrer da vida, passei também por umbanda, kardecismo, mas nunca consegui levar a sério nada, pois sempre tinha coisas nos discursos que eu achava absurdo e jamais concordei. às vezes até ria no meio das cerimônias. Com o tempo, descobri que era ateu e tudo ficou bem mais fácil: sem culpas, sem dogmas. Agora, a igreja que venha tirar satisfações comigo, pois sei bem que foi ela quem criou o diabo pra poder tirar o dela da reta e colocar a culpa em alguém!

Agora uma última pergunta, que não entra na entrevista (ao menos

com essa redação, hehe!). Tem algo a acrescentar?

Essa experiência de falar do Encostinho foi muito boa, são poucas as pessoas que se atrevem a querer perguntar ou saber um pouco mais a história dele e, consequentemente, a minha. Então, agradeço muito, Henrique, por essa oportunidade, você sabe que é uma pessoa que eu tenho profunda admiração, bem antes de você me conhecer. E tenho um grande orgulho de sermos parceiros em projetos e por poder lhe chamar de amigo. Forte e sincero abraço.



Nesta página e na anterior, Sno na CCXP, São Paulo, 2024

Encostinho incorpora Maria

Márcio Sno

10.2024

Há quase 50 anos, Henrique Magalhães pariu, por meio de sua caneta, uma das personagens mais icônicas dos quadrinhos brasileiros: Maria. Provocadora, irônica, contestadora e sempre à frente das pautas mais complexas, Maria já esteve em diversos formatos de publicações, como jornais, revistas, zines, álbuns e livros.

Já foi várias vezes homenageada em Portugal e, recentemente, ganhou o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Parahyba! Por tudo isso (e muito, muito mais!), Anita Costa Prado, a criadora da Katita, me encomendou esse Encostinho incorporando a personagem de Henrique Magalhães!

E foi com muita honra e carinho que desenvolvi tanto a boneca, como a caixa personalizada! O meu grande mestre e referência ficou muito feliz com a homenagem e eu muito mais ainda!



Grupo Quadritos

Unidos pelo humor e cartum

Sergio Más



Na cidade de Buenos Aires, que é uma grande capital cultural desta parte do mundo, um bom número de cartunistas tomamos a decisão de nos unir para sermos mais fortes, e nós fizemos o grupo QUADRITOS, um cole-

tivo de 22 artistas unidos pela paixão pelo desenho e pelo humor. O grupo QUADRITOS teve seu primeiro encontro no 2023, quando os cartunistas KAPPEL e MÁS, convocamos uma reunião de camaradas.



Sergio Más e Kappel, idealizadores do encontro de cartunistas

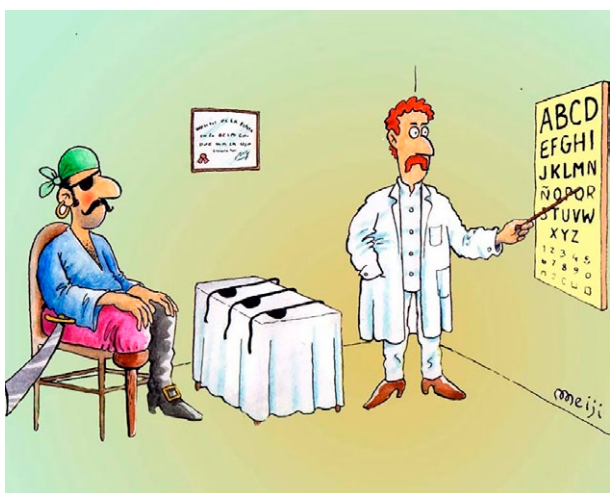
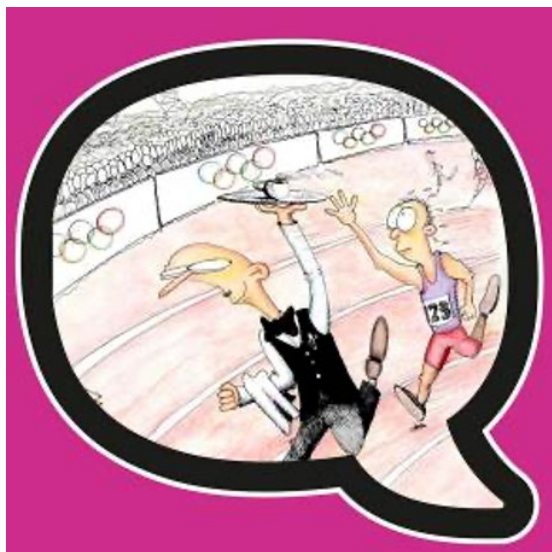
A data foi o Dia do Desenhista, que na Argentina é o 10 de novembro, data definida por A.D.A. (Associação de Desenhistas da Argentina), foi um encontro da turma de amigos cartunistas; depois de uns meses, todos formamos o grupo, formalmente.

Algum tempo depois, esses amigos continuaram juntos e deram ao grupo

o nome de QUADRITOS, compartilhamos a paixão pelo cartum, pelo desenho, e queríamos divulgar tudo relacionado a essa arte. Tínhamos reuniões regulares e às vezes adicionávamos mais amigos cartunistas. Algum tempo depois, iniciamos nossas páginas na internet: no Facebook, @quadritos e no Instagram, @grupoquadritos







Os encontros onde falávamos sobre projetos e cartum continuaram e começamos a ser convidados para

eventos de quadrinhos, por exemplo em Adrogué, Quilmes e na cidade de Buenos Aires.



Os cartunistas que realizam QUADRITOS buscam fazer rir, pensar, refletir e colocar em imagens situações cotidianas ou imaginárias, sempre recorrendo à perspectiva humorística e testemunhal dessa forma de expressão.

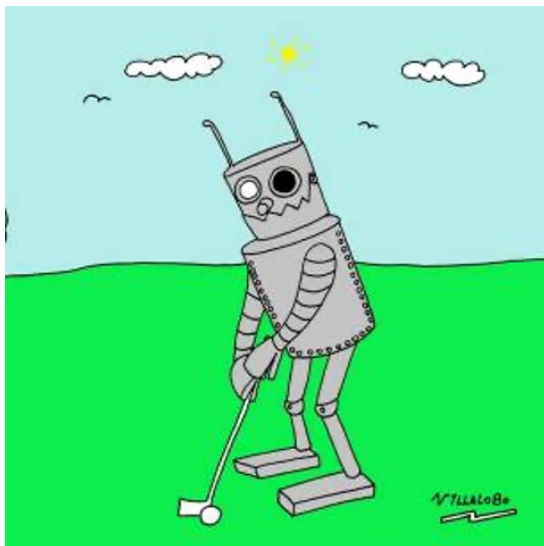
Os 22 integrantes do grupo QUADRITOS somos: Alen, Batista, Claw, Corne, Delu, El Chapa, Elmer, Fechu,

Furno, Giacomino, Haroldo Meyer, Ian Mora, JA!, Kappel, Lamparita, Marito, Más, Meiji, Piru, Rocchia, Toni y Villalobo.

Este grupo de artistas unidos pela paixão pelo cartum tem uma vasta experiência em revistas como Humor, Lupín, Avivato, MAD, Cracked, Loco Lindo, Fierro, El Gráfico, Billiken, Se-

lecciones, Genios, Caras y Caretas, Tía Vicenta, El Péndulo, Hortensia, María Bizca, Chaupinela e jornales como La Prensa, La Nación, UNO, Popular, El Tribuno, entre outros.

Conquistamos prêmios internacionais em exposições pelo mundo e também contribuimos para a formação de novas gerações por meio de escolas e oficinas de desenho.



QUADRITOS realiza exposições, apresentações públicas e em feiras de quadrinhos, palestras, debates e conferências. No futuro, esperamos publicar um livro com todos os membros do QUADRITOS para continuar a divulgar nossa paixão e nosso trabalho.



No final do ano passado, o grupo QUADRITOS recebeu a visita de MÁRIO MASTROTTI, editor, chargista e caricaturista brasileiro, de São Caetano (SP), com quem compartilhamos experiências de trabalho relacionadas ao Cartum e aos salões de Cartum.

Hoje, Mastrotti coordena o Salão do Cartum sobre Doação de Órgãos no Instituto Gabriel (RJ), e são membros dos júris CORNE e MÁS do grupo QUADRITOS. Essa troca aproxima os dois países irmãos.



Mário Mastrotti
(acima, à direita)
em visita ao grupo
Quadritos



Hoje, QUADRITOS continua crescendo. Queremos agregar novos cartunistas, ser um lugar onde todos possam expor seus trabalhos e manter viva essa paixão pelo cartum e o humor.

Estamos sempre lembrando nossos grandes mestres, seguindo seus ensinamentos e também nos esforçando

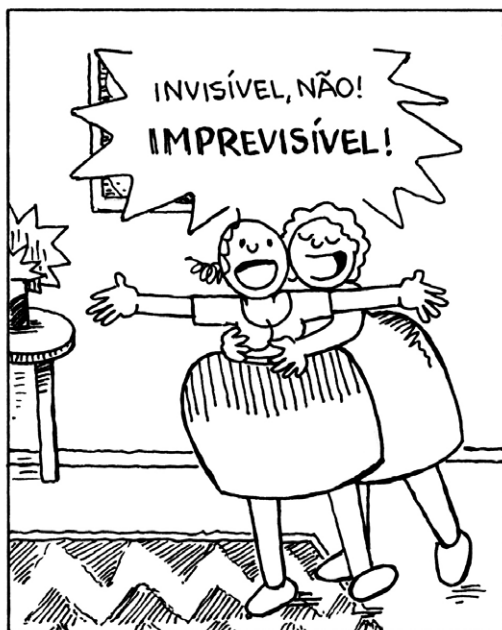
para ampliar nossos horizontes para que a QUADRITOS se torne uma referência em toda a América Latina, onde todos podemos trabalhar juntos.



Sergio MÁS
Cartunista argentino















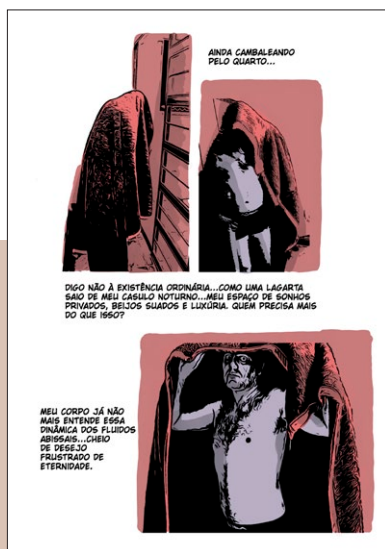
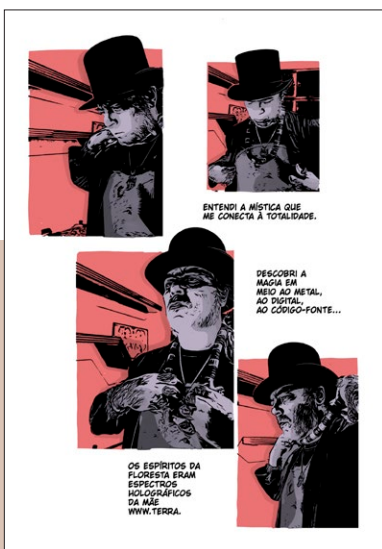
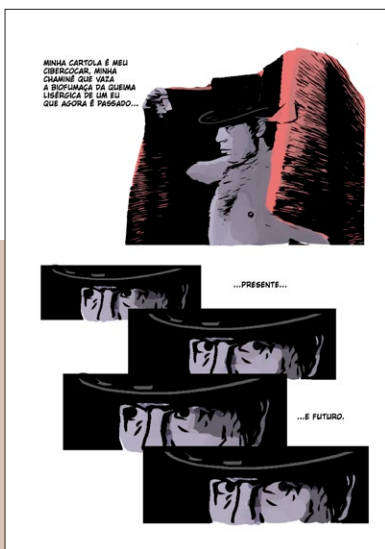
Ciberpajelanças: uma simbiose do autor e sua obra

O que pode ocorrer quando duas mentes inquietas se encontram? O caos... ou a lucidez! Um relume de genialidade é o resultado dessa força criativa conjugada irrefreável, que já deu à luz inúmeros fanzines, músicas, performances, fotografias, textos repletos de poesia e filosofia, de quadinhos poético-filosóficos.

Daniel Figueiredo e Ciberpajé já demonstraram essa força visceral em seus trabalhos individuais, por vezes também ciberpajelanças elaborados com outras parcerias. Ao se juntarem nessa obra de narrativa gráfica exce-

deram os limites - se os há - de cada um e trouxeram à tona uma HQ de uma clareza estonteante em sua dinâmica gráfica e textual.

Todos os adjetivos são poucos e ao mesmo tempo redundantes para definir esse trabalho, que conta também com o ensaio fotográfico “Ciberpajé - Despertar”: fotografia da I Sacerdotisa Rose Franco e direção de arte do Ciberpajé, que encarna ele próprio a personagem autobiográfica da história. Ouso dizer que temos aí uma das mais bem concebidas histórias em quadrinhos poético-filosóficas, algo



como uma fotonovela - ou conto-imagético que transcende o tênue conceito desse gênero de quadrinhos.

A história é o despertar para uma nova condição humana imbricada com a materialidade, a magia e a cibernética. Não se trata de uma transmutação física, palpável, carnal, que daria forma aos conceitos da Aurora Pós-Humana vislumbrada por Edgar Franco. Temos mais um despertar da consciência, uma transubstanciação do homem ordinário para o estelar, aberto ao cosmos e às forças insondáveis do universo. É a afirmação do Ciberpajé - aka Edgar Franco - em uma epifania rara do autor que incorpora na própria obra.

H. Magalhães



Ciberpajelas: um conto apócrifo

Daniel Figueiredo & Ciberpajé

Paraíba: Cruzador Pirata, 2023, 30p.

Edição digital disponível [aqui](#).

Memorabilia em dois tempos: Poranduba e Jô Oliveira

Conhecido no fandom brasileiro pela edição do já clássico Fatherzine, dedicado à obra de Jimi Hendrix, Valdir Ramos é um dos veteranos desse tipo de publicação independente que se mantém atuante. Fatherzine é o típico fanzine que preserva a sua origem como obra editorial artesanal seguindo o lema do diy, ou faça você mesmo.

Mas não é sobre esse destaque de sua produção que se dedica esse texto. Lançado em outubro de 2023, temos

a quarta edição de Poranduba Express Zine, publicação que valoriza os quadrinhos brasileiros e alguns estrangeiros que influenciaram a arte local. Na empreitada atuam Valdir Ramos e sua companheira, Luiza Ramos, que vivem em Araraquara, São Paulo.

O fanzine de tiragem limitadíssima - 20 exemplares em fotocópias - traz o lembrete singular: “Fanzine montado com o mais avançado programa do mercado: xerox, tesoura, papel,



Página de Poranduba, com arte de Jô Oliveira

cola e... paixão!”. Vê-se, de cara, a raiz dos fanzines rediviva no trabalho da dupla, que arquiteta uma obra com a mais pura artesanaria que engendrou esse tipo de publicação.

Não só pelo método o Poranduba resgata a origem dos fanzines. Com a paixão indelével de fãs, Valdir e Luiza se dedicam nessa edição a investigar uma obra singular nos quadrinhos brasileiros, a criativa expressão gráfica de Jô Oliveira. O fanzine traz recortes de vários textos jornalísticos sobre o autor perfazendo muitos anos de sua trajetória, desde sua origem em Itamaracá, Pernambuco, até os estudos na Europa e publicação em revistas italianas, muito antes de ser descoberto pelo Brasil. Vale conhecer o traba-

lho e a obra desse artista, que além de quadrinista é um exímio ilustrador.

De quebra, o fanzine reproduz uma HQ que mostra a força expressiva de Jô Oliveira, “A guerra do reino divino”, publicada originalmente em 1976, pela editora Codecri (a do jornal alternativo Pasquim). Como o Poranduba é para poucos, com a anuência dos editores disponibilizamos sua versão digital, de modo a que muitos possam conhecer o trabalho de Jô e o preciosismo da edição de Valdir e Luiza Ramos.

H. Magalhães



Poranduba

Editores: Valdir Ramos & Luiza N.T. Ramos

Araraquara, SP: n. 4, outubro de 2023, 28p. Formato A4.

Edição digital disponível [aqui](#).

Averaldo, livre para voar



Averaldo foi criado por Henrique Magalhães em 1998 para publicação em tiras diárias no O Norte. A personagem usava o nonsense como gag, subvertia os ditados populares e tirava onda com os lugares comuns. Foi um exercício de linguagem que ampliava o espectro de criação, do autor, cuja principal personagem é Maria.

A alternância de personagens na publicação diária é uma estratégia para a renovação do repertório e, dessa forma, evitar a repetição dos temas. Averaldo foi um arejamento para o enfoque quase sempre político e contestador de Maria.

Há um curioso episódio de censura com essas tiras, não no O Norte, mas em sua republicação em A União, em 2013. Em uma delas, Averaldo mostra como é fácil vestir uma camisinha, utilizando para isso uma banana. Por fim, conclui que vestir a camisinha não é difícil, difícil é resistir à tentação, e coloca a banana com a camisinha na boca. A tira se configurou forte demais para o jornal oficial do Estado, que temia que ela pudesse servir de combustível para a crítica da oposição ao governo. Com a censura, deixei voluntariamente de publicar no jornal, em protesto à mentalidade tacanha e aos melindres do poder.

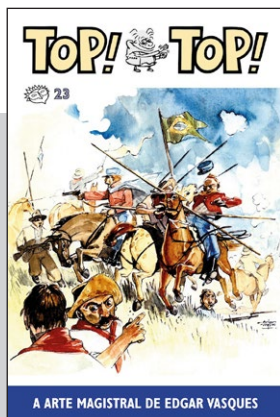
Toda a série de Averaldo teve apenas 25 tiras, constituindo-se em uma visão jocosa de nossa cultura - a começar pelo título, que denota uma linguagem popularesca. Além de refletir

sobre os costumes da atualidade, destaca-se, também, pela liberdade com que foi trabalhado o traço, intencionalmente caricato.

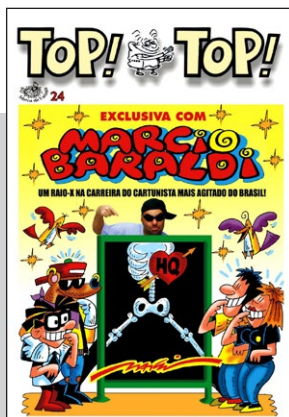
H. Magalhães



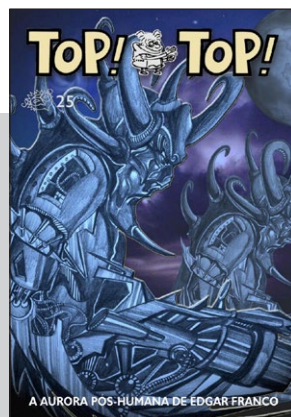
Mais TOP! TOP! pela Marca de Fantasia



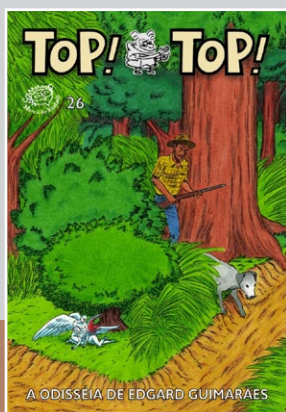
Top! Top! 23 - Edgar Vasques



Top! Top! 24 - Marcio Baraldi



Top! Top! 25 - Edgar Franco



Top! Top! 26 - Edgard Guimarães



Top! Top! 27 - Pestana



Top! Top! 28 - Marcatti



www.marcadefantasia.com